



## Emoções no relato de violação do outro: uma análise patêmica em *Memórias do Cárcere*

### *Emotions in the narrative of violence against the other character: a pathemic analyses in Memórias do Cárcere*

Gabriela Pacheco Amaral

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

[gabriela-pa-169@hotmail.com](mailto:gabriela-pa-169@hotmail.com)

<http://orcid.org/0000-0003-4081-9734>

**Resumo:** O objetivo dessa pesquisa é analisar quais emoções são expressadas pelo narrador de *Memórias do Cárcere* ao relatar um caso de abuso sexual no cárcere. *Memórias do Cárcere* é um clássico brasileiro de Graciliano Ramos que retrata o testemunho e a narrativa do período em que o autor esteve preso no Brasil. Para alcançar nosso intuito, nossa base teórica terá os pressupostos de Charaudeau (2010) e Plantin (2010) sobre as emoções no discurso. Nossas análises são qualitativas linguístico-discursivas sobre a construção enunciativa das emoções no discurso. Esperamos com esse trabalho apresentar algumas aproximações entre as teorias de Charaudeau e de Plantin.

**Palavras-chave:** emoções; discurso; relato do outro; violência; *Memórias do Cárcere*.

**Abstract:** The objective of this research is to analyze which emotions are expressed by the narrator of *Memórias do Cárcere* when reporting a case of sexual abuse in prison. *Memórias do Cárcere* is a Brazilian classic by Graciliano Ramos that depicts the testimony and narrative of the period in which the author was imprisoned in Brazil. To achieve our aim, our theoretical basis will have the assumptions of Charaudeau (2010) and Plantin (2010) about emotions in the discourse. Our analyzes are qualitative linguistic-discursive about the enunciative construction of emotions in the discourse. With this work, we hope to identify which emotions are expressed by the enunciator in the narrative of a case of violence by another character in Brazilian prison.

**Keywords:** emotions; discourse; narrative of other; violence; *Memórias do Cárcere*.

## 1 Introdução

De acordo com Bakhtin (2002, p. 98), em cada contexto social e ideológico coexistem dizeres que são específicos à sua época. Cada momento tem a sua conjuntura social e ideológica. Em consonância com o Mestre russo, para Fiorin (2006, p. 22-23) o discurso que se enuncia é carregado de emoções e juízos de valor. Portanto ele é dotado de crenças, opiniões e ideologias. Sem um autor e um contexto para a produção do enunciado, as palavras são vagas, mas, quando inseridas em uma conjuntura social, elas adquirem sentidos e valores.

Com base nisso, as emoções estão interligadas ao discurso, tanto no nível do enunciador, quanto no da enunciação e do destinatário. As palavras não são neutras e uma das características que permitem essa ausência de neutralidade é a emoção. Os enunciados têm o poder de expressar sentimentos e julgamentos que moldam a subjetividade da linguagem.

Antes da filiação política ao Partido Comunista Brasileiro em 1945, Graciliano Ramos foi preso político no ano de 1936, no primeiro momento da Era Vargas, em Ilha Grande, no Rio de Janeiro. Ficou onze meses em cárcere e, com a ajuda de amigos e de sua esposa, publicou nesse mesmo ano o romance *Angústia*.

Durante esse período em que foi detento, Ramos fez muitas anotações que, anos depois, foram transformadas em livro. Infelizmente, o romancista morreu antes de concluir esse trabalho de escrita memorialista. Mesmo inacabada, a obra foi publicada, o que nos possibilitou acesso a detalhes da prisão de Ramos, realizados com sua verve e crítica mordaz.

As lembranças e os sofrimentos do aprisionamento, relatadas em *Memórias do Cárcere*, foram postumamente publicadas em 1953, pela editora José Olympio. Tal obra teve uma alta repercussão política e intelectual. Política, pois incomodou o Partido Comunista Brasileiro com a revelação de que o secretário geral do partido, Antonio Maciel Bonfim (o personagem de Miranda), colaborou com a polícia para as investigações e prisões políticas do Governo Vargas. Intelectual, pois ali nasceu um clássico literário brasileiro, saudado por diversos críticos como Antonio Candido, Gilberto Freyre, Oswald de Andrade e José Lins do Rego. Aliás, 100 mil exemplares foram vendidos em 45 dias, tamanho o impacto e a expectativa da obra. Em 1984, Nelson Pereira dos Santos adaptou a obra ao cinema, produzindo o filme *Memórias do Cárcere*.

A verve observadora de si e dos outros de G. Ramos em Memórias do Cárcere permite-nos desvendar possíveis crenças do sujeito em relação ao mundo. O espaço carcerário pode ser considerado como uma experiência de observação física, espiritual e psicológica do narrador. Nesse sentido, o ato de narrar vidas mostra-nos muito do sujeito-enunciador (e do indivíduo que o comanda), justamente, pelo fato de ele expressar emoções sobre os acontecimentos passados.

## 2 Emoção e Análise do Discurso

Na Análise do Discurso, os sentimentos devem ser trabalhados por meio da noção fundamental das paixões anunciadas. Em nossa pesquisa, adotamos a perspectiva de que a paixão é, pois, um produto do discurso.

Para Plantin (2014, p. 58), “a emoção no discurso é constituída de argumentação e de intenção”. Dessa maneira, conforme seja a intencionalidade do sujeito falante, virá o discurso que argumentará tal emoção. O ato de argumentar uma emoção pode ocorrer pela justificação, explicação e/ou por uma atribuição de experiência vivida pelo sujeito comunicante. Dessa forma a capacidade de expressar emoções é uma condição de exercício de uma argumentação.

Enunciados como “Surpreendia-me: imaginara que me trancassem a chave numa sala, me deixassem só” (RAMOS, 1994, p. 62) são expressões que argumentam emoções, uma vez que o narrador enuncia o motivo e explicação para ela. A surpresa do narrador é justificada pelo fato de ele achar que ficaria isolado na prisão, sem contato alheio.

Em alguns enunciados a emoção pode ter uma designação direta e explícita, como no exemplo acima, com o enunciado: “surpreendia-me”. Porém, conforme Plantin (2010), quando não for possível identificá-la pontualmente, podemos realizar interpretativos. A observação da emoção no nível do discurso pode ser solucionada pelo contexto.

No quesito de contextualização de um evento ou de uma situação que oriente aos sentimentos, Plantin (2010) compreende as tópicas como regras de estrutura do componente situacional das emoções. O linguista francês propõe um quadro de tópicas que foi aperfeiçoado a partir de estudos retóricos clássicos, focados nos princípios de inferência emocional elaborados por Ungerer, nas categorias linguísticas de construção da emoção de Caffi e Janney e no sistema de facetas teorizado por Scherer.

Eis o quadro:

Quadro 1 – Tópica das Emoções

Tópica das Emoções	
Tópos	Exemplos
T1: O quê?	Casamento/enterro; façanha/derrota; má ação/boa ação; amigo/inimigo
T2: Quem?	Mulheres, crianças, o Presidente, um mendigo, os notáveis
T3: Como?	Diria que era um campo de batalha.
T4: Quando?	No dia de seus 20 anos. Morto na guerra em 10 de novembro de 1918.
T5: Onde?	O caminhão explode em um camping. Assassinato na catedral.
T6: Quanto?	A maior catástrofe do transporte aéreo de todos os tempos. Uma explosão incrível.
T7: Por quê?	O acidente foi provocado por um deslizamento de terra/por um roda-dura bêbado.
T8: Consequências?	A gente fala que nosso franco é forte, mas serão necessários sete francos para ter um único Euro!
T9: Normas?	A pátria está em perigo.
T10: Controle?	Inexoravelmente.
T11: Distância de y?	Estrangeiros. Pessoas como você e eu.
T12: Aprovação?	Genial.

Fonte: Plantin, 2010, p. 73.

Em resumo, as tópicas das emoções podem servir para realizar uma descrição cognitiva que regula uma orientação para a emoção no discurso. O tópos (doravante abreviado como T) 1 trata do evento ou da cena, e o T2 refere-se às pessoas que são afetadas pelo evento. Plantin (2010) afirma que a emoção pode oscilar de acordo com a pessoa que é afetada, como uma criança ou um idoso, por exemplo. Já o T3 refere-se aos análogos que podem ser construídos na produção das emoções. O autor supracitado argumenta que essa tópica busca responder as seguintes

questões em relação ao evento: isso faz pensar em quê? De qual classe de acontecimentos o evento em questão se origina?

Por sua vez o T4 remete ao modo de construção temporal e aspectual dos eventos, enquanto o T5 trata do lugar onde o evento se produziu. O T6 é a intensidade do evento, que pode ser avaliada pela quantidade de pessoas atingidas, como também pode ser observada por uma oposição entre único/numeroso.

O T7 está principalmente orientado para a imputação da responsabilidade do evento. Busca-se, portanto, avaliar sua causa, sua razão e seu motivo. Plantin (2010) bem observa que as emoções podem variar de acordo com essa tópica, e como exemplo ele cita a diferença entre um acidente de deslizamento de terra que aconteceu por fatalidade e um acidente com vítimas fatais, no qual o condutor do veículo estava embriagado. No primeiro caso pode haver a dor simples, já no segundo pode haver a cólera.

Continuando a explicar resumidamente os topoi do quadro acima, o T8 relaciona-se às consequências que o evento produz, tanto no individual quanto no social, e o T9 diz respeito à ligação das emoções com a ética e com os valores sociais. Nesse sentido, um mesmo evento pode suscitar emoções que dependem dos valores sociais. Assim Plantin (2010) revela a importância da construção argumentativa das emoções para tentar entender, por exemplo, como “a felicidade de uns traz a infelicidade de outros” (PLANTIN, 2010, p. 76). Ainda sobre o topoi 9, o autor traz um exemplo que pode elucidar a problemática dos valores e de interesses que orientam para uma emoção:

[...] vamos supor uma situação de guerra. Se y assiste à morte de y', em se tratando de emoções, não conheço nenhuma que seria conveniente atribuir à y em função deste fato bruto. É preciso conhecer a relação y-y': estão no mesmo campo de batalha? Eram engajados em um combate de vida ou morte? (PLANTIN, 2010, p. 76).

Várias emoções podem surgir em relação à morte, como a alegria, a indiferença, a dor, a tristeza, a cólera e o desejo de vingança. O que vai determinar a orientação para uma delas serão os valores, os interesses e a relação do sujeito falante com cada pessoa envolvida no evento.

O T10 refere-se à possibilidade de controle do evento por alguém e busca avaliar a proximidade, a evidência e a volicionalidade. O T11

trata-se da natureza da ligação do evento com o grau de proximidade ou de intimidade, envolvimento e solidariedade com o sujeito. Essa tópica busca explicitar a focalização subjetiva da produção das emoções. Por fim o T12 busca realizar uma avaliação global do evento e conferir a ele um eixo agradável ou desagradável para o sujeito, sendo, portanto, elementar e conclusivo.

A construção de uma orientação para traços de emoções pode, então, ser delineada a partir do contexto que é construído na própria organização do discurso. Os julgamentos e os posicionamentos que o sujeito enunciador faz sobre cada evento também são passíveis de inferência de efeitos de emoções, uma vez que a emoção é guiada e produzida a partir do universo de crenças e de valores de cada indivíduo.

Por fim, as tópicos das emoções podem servir para realizar uma contextualização de situação propícia a expressar sentimentos. O quadro contém ao todo doze topoi, e cada um serve para observar os elementos da situação comunicativa. Por exemplo, no tópos “o quê” o analista do discurso irá identificar o evento da situação. Em nosso caso, ao pensarmos em Memórias do Cárcere como um todo, podemos entender que o evento geral a ser narrado na obra é a prisão política de G. Ramos e de outros indivíduos. Assim, nos tópos seguintes, fazemos uma síntese dos acontecimentos, como o tópos “quem?” que se refere às pessoas que foram afetadas pelo evento.

### **3 As tópicos patêmicas para Charaudeau: os imaginários sociodiscursivos das emoções**

O ponto de vista do linguista se apoia na tópica da emoção da Retórica Aristotélica. Todavia, ele pondera que a tópica deve ser completada por uma teoria do sujeito e pela situação de comunicação. Para isso, no que se refere à enunciação, como vimos linhas atrás no modo de organização enunciativo, Charaudeau (2010, p. 35) considera que pode ser delineada uma dupla enunciação do efeito patêmico. O discurso pode ser elocutivo e alocutivo, seja pela descrição ou pela manifestação do estado emocional (tenho medo), seja pela descrição de como o outro deveria se encontrar (tenha coragem).

No que se refere à enunciação, para o linguista:

[...] consideramos que “estou furioso” e “não fique furioso” são dois tipos de enunciado que instauram o efeito patêmico de maneira diferente de quando dizemos “a multidão está furiosa”. O efeito patêmico dos dois primeiros enunciados é instaurado por meio de uma construção identitária; o do terceiro enunciado é instaurado por meio de uma identificação-projeção que é proposta ao destinatário. (CHARAUDEAU, 2010, p. 35).

Isso posto, Charaudeau (2010, p. 48) realiza uma reorganização das tópicas retóricas e prefere adotar o sintagma de tópicas patêmicas. Nesse sentido, o linguista as sistematiza em quatro grandes tópicas, nas quais cada uma é duplamente polarizada em negativo e positivo. Vale salientar nessa perspectiva que as tópicas patêmicas são compreendidas como imaginários sociodiscursivos das emoções (CHARAUDEAU, 2010).

Para analisar as tópicas patêmicas, ou os imaginários sociodiscursivos das emoções, teremos que apreender três características de cada tópica:

- (1) O estado patêmico: a atribuição de emoções ao sujeito ou ao objeto.
- (2) Desencadeação: a percepção e a relação do sujeito com o objeto, ou outro sujeito.
- (3) Comportamento: o comportamento enunciativo do sujeito dito explicitamente ou implicitamente.

As quatro grandes tópicas patêmicas desenvolvidas por Charaudeau (2010) são:

A tópica da dor e seu oposto, a alegria.

A dor deve ser compreendida como estado de insatisfação do desejo do sujeito, como também sensação de mal-estar e de sofrimento. Pode ser desencadeada por um actante-objeto, ou seja, por uma pessoa ou por uma situação que colocou o sujeito patêmico em posição de vítima ofendida. A dor é provocada pela mobilização de saberes e de crenças que colocam o indivíduo em posição de vítima moral. O comportamento enunciativo se encontra em relação intransitiva e reflexiva.

Esse estado pode apresentar graus, como a tristeza (aceitação de impotência, de fatalidade), a vergonha, o constrangimento, a humilhação e o orgulho ferido. O orgulho ferido pode ser compreendido como uma “degradação identitária no que diz respeito a uma referência idealizada de si” (FONTANILLE, 1989, apud CHARAUDEAU, 2010, p. 49).

A alegria tem as mesmas características da dor, contudo, ao invés de insatisfação, teremos a satisfação do desejo, do bem-estar corporal e moral. O comportamento enunciativo apresenta a euforia quanto ao bem estar corporal e moral. A alegria também pode apresentar graus, como o contentamento, sentimento de poder, vaidade e o orgulho, sendo que este último advém de uma promoção de traços identitários que sujeito realiza de si.

Cyrułnik (2012, p. 41) justifica que não é a humilhação que provoca uma vergonha. A vergonha origina-se da atribuição a outro de uma crença aviltante. O envergonhado espera a estima do outro, mas a malformação do vínculo intersubjetivo o faz acreditar que, na mente dessa pessoa, ele é lastimável. O indivíduo expressa a decepção de se sentir desprezado. Para o autor, a vergonha está no modo como o sujeito se vê no olhar do outro. Ele busca responder aos questionamentos: “Como o outro me vê?” e “Quem sou eu no mundo dele?”.

A tópica da angústia e seu oposto, a esperança.

A angústia pode ser compreendida como um estado de espera desencadeado por um actante-objeto que representa algum perigo para o sujeito. Nesse sentido, o sujeito mobiliza uma gama de crenças que lhe fazem construir diversas representações negativas sobre o actante ou sobre o objeto que permanecem à distância do sujeito. Por isso o sujeito está em estado de espera sobre o desfecho de uma situação. O comportamento enunciativo do sujeito angustiado revela um ser à espera, ameaçado. Podem surgir graus de angústia como a melancolia, o medo e o terror.

A esperança tem as mesmas características que a angústia, o que a difere da última é que a espera é algo benéfico, já que o aguardo, nesse caso, é de algum acontecimento feliz. Se na angústia as crenças mobilizadas são sempre negativas, na esperança são abordadas as positivas. Portanto, o comportamento enunciativo ocorrerá com a intencionalidade de compartilhar e demonstrar confiança. Os graus de esperança são a confiança, o desejo, os votos, o apelo e a oração.



A tópica da antipatia e seu oposto, a simpatia.

Essa tópica deve ser considerada como uma atitude reativa dupla em uma relação triangular. Na relação triangular há um sujeito que exerce o papel de vítima de um mal, outro que é o responsável pelo mal e o sujeito que é observador-testemunha. O sujeito que observa ou testemunha o evento está no estado de indignação frente a vítima perseguida. Nessa perspectiva, Charaudeau (2010) afirma que o sujeito busca em seu mundo de crenças e de valores as representações que constrói sobre o bem e o mal e sobre as relações de dominações.

O comportamento enunciativo se dá por meio de denúncias do responsável pelo sofrimento ou pela situação em si. A antipatia pode ser direcionada ao perseguidor ou ao o grau de perseguição. A indignação, a acusação, a denúncia, a cólera e o ódio são graus que podem surgir da antipatia.

A simpatia, por sua vez, origina-se das mesmas características que a antipatia, porém o sujeito encontra-se em um estado de sensibilidade com o perseguido. O comportamento enunciativo exprime discursos de ajuda para aliviar o sofrimento. Desse modo, podem surgir a benevolência, a compaixão e a piedade.

A tópica da atração e seu oposto, a repulsa.

A atração e a repulsa originam-se das mesmas características que a antipatia e a simpatia, nas quais há uma atitude reativa em uma relação triangular. Porém, nesse caso a atração e a repulsa tornam-se atitudes mais intelectuais do sujeito, nas quais o comportamento é mais inativo. Na atração o sujeito volta-se para um actante benfeitor que já reparou um sofrimento. Cria-se a imagem heroica e de aprovação. A admiração, o fervor, o maravilhamento e o encantamento podem surgir como graus da atração.

Na repulsa, o sujeito volta-se para o actante do qual ele possui uma imagem negativa de malfeitor. Assim, pode surgir o desprezo, o desgosto, a aversão e a fobia.

Por fim, a construção discursiva da emoção na narrativa de vida está atrelada à imagem que o sujeito narrador faz de si, do outro e do mundo. Essa organização emana das crenças e dos imaginários sociodiscursivos sobre os eventos, os papéis sociais e os comportamentos. De tal modo, identidade e emoção são dimensões que se entremeiam na escrita de si.

#### 4 O relato de estupro e as emoções expressadas

A narrativa de vida, seja de si ou de outrem, constitui-se pelo exercício da memória em enunciar fatos passados. Essa reconstituição dos acontecimentos poderá ser realizada tendo como base efeitos emotivos. Nesse ínterim rodeado e permeado de injustiças, G. Ramos observa e denuncia diversos crimes cometidos no cárcere. Um deles, do qual nos serviremos nessa sessão, será a narrativa de violação de um garoto. Antes de iniciar o relato, há o seguinte enunciado: “Verdades? Não sei. Narro com reservas o que me narraram, admito restrições e correções” (RAMOS, 1994, p. 311).

O narrador de G. Ramos deixa explícito que a história a ser contada é um relato do que ouvira no cárcere. Sendo assim, não pode ser tomada como uma realidade memorialista isenta de fatores de ficção. Diversas histórias ao serem narradas vão ganhando ou perdendo detalhes e informações que constavam no relato original. Por isso a nota em que o sujeito narrador explicita: “Narro [...] o que me narraram” (RAMOS, 1994, p. 311).

Após escutar súplicas noturnas, G. Ramos tenta descobrir do que se trata. Assim, a história que lhe foi contada é a que ele buscar relatar. Outros detentos, então, contam sobre os crimes que são cometidos contra alguns presos mais novos, como a venda deles para outros presidiários. O sujeito falante de G. Ramos, então, decide compartilhar com seus leitores o que ouviu.

Para analisar essa narrativa do outro, valer-nos-emos do quadro de tópica de Plantin (2010) e das grandes tópicos de Charaudeau (2010). Para isso, realizaremos uma pequena modificação, iremos incluir uma coluna de descrição ao quadro de Plantin. Consideramos que as qualificações que o sujeito narrador realiza no discurso produz efeitos de si e de outro no discurso e, por tal motivo, observar tais qualificações nos parece um auxílio para melhor entender o *corpus*. Portanto a primeira coluna do quadro refere-se às características de qualquer situação que possam orientar para uma emoção; a segunda coluna representa como esses aspectos são narrados por G. Ramos; a terceira, por fim, contém as descrições que o enunciador faz do evento, das pessoas afetadas etc. Segue o compilado:

Quadro 2 – Tópica da emoção ao narrar o caso de violação

Tópica da emoção ao narrar o caso de violação		
Tópos	No relato	Descrições e considerações
Evento	Estupro	Sujo e infame Hábitos inimagináveis
Pessoas afetadas	Garoto	Violado
Análogos	Natureza humana	Capaz de tudo Horíveis desvios
Tempo	Noite	-
Lugar	Cárcere	Fechados
Quantidade	Não somente com um garoto	Meninos abandonados Vagabundos Pivetes
Causa	Necessidades	Profundas
Agente	Guardas Presos Administração	Cúmplices Corrompidos Hipócrita
Consequências	Violência física e psicológica	Vergonha
Normas sociais	Agressão que provoca a vergonha	Exibição tumultuosa
Controle do evento	Sem possibilidade	Não tínhamos o menor indício Confinados
Distância	Longe	Achamo-nos longe daqueles indivíduos
Posicionamento	Desagradável	Me estarreceu

Fonte: elaborado e modificado pela autora a partir de excertos do *corpus*, tendo como base a tópica da emoção de Plantin (2010) e o modo de organização do discurso descritivo de Charaudeau (1983).

Observamos no processo narrativo do outro que, exceto aqueles relacionados ao tempo, todos os aspectos possuem descrições realizadas pelo narrador de G. Ramos. Desse modo, o evento do estupro é qualificado como “sujo e infame”, os agentes responsáveis são representados como “cúmplices”, “corrompidos” e “hipócrita”. Assim, o uso de tais

axiológicos desvela o ponto de vista por meio das avaliações e dos julgamentos que o narrador produz diante do contexto da situação.

O evento central do relato é a ação de estupro. Nesse sentido, o ato recai sobre a vítima com a função de degradar o estado inicial por meio de agressões físicas e psicológicas. Físicas, pois esse crime viola o corpo do outro. Psicológicas, uma vez que tal ataque lesiona e marca a alma do sujeito para toda a sua existência. Na perspectiva do narrador, tal crime é tido como “sujo e infame” e constitui “atos inimagináveis”, o que reforça as crenças de G. Ramos materializadas nessas qualificações negativas e morais.

O agressor é representado por três agentes: os presos, os guardas e a administração. Desse modo, a ação da violação é feita, respectivamente, por quem realiza as vias de fato, pelos que vendem os menores e por quem ignora o crime e a vítima. Os julgamentos direcionados aos responsáveis do evento são percebidos pelo modo com o qual o sujeito narrador qualifica negativamente e moralmente os agentes.

O ato de imputar responsabilidade à administração e aos guardas exhibe os imaginários sociodiscursos dispostos sobre a visão do narrador diante do contexto enunciado. Assim, a administração é qualificada como “hipócrita”, tendo em vista a crença social de que a gerência presidiária não poderia simplesmente fazer “vistas grossas” em relação aos crimes sexuais dentro do seu domínio de espaço. Na narrativa, observamos tal aspecto em “a administração finge castrar aqueles homens, insinua hipócrita que o trabalho e o cansaço tendem a suprir necessidades profundas, e ali se movem autômatos puxados para um lado e para outro” (RAMOS, 1994, p. 102).

No discurso, inferimos que na opinião de G. Ramos a administração deveria impedir, por meios legais, a propagação das infrações que ocorrem com os presidiários.

Além da culpabilidade da administração, o sujeito narrador incumbe culpabilidade aos guardas, que não só desprezam os pedidos de socorro da vítima, como também contribuem com a venda de menores infratores para presos mais velhos. A qualificação que lhes é atribuída, de “cúmplices” do crime, permite-nos compreender a visão de mundo e o universo de crenças de G. Ramos. Se para muitos indivíduos há a circulação de imaginários sociodiscursivos nos quais o pensamento é de que os presidiários não mereçam ser bem tratados, para o sujeito narrador não seria assim.

Tendo em vista o processo narrativo da situação, na qual podemos delinear as tópicas que orientam para emoções, conseguimos projetar um contexto passível de expressão de emoções. Nesse ponto, de acordo com a tópica das emoções de Charaudeau (2010, p. 51), consideramos organizar-se nesse relato a tópica da antipatia.

Para o linguista, a tópica da emoção equivale ao imaginário sociodiscursivo (CHARAUDEAU, 2010, p. 48). Isto é, os elementos que esboçam uma situação passam, antes de tudo, pela avaliação feita por meio do universo de crenças do sujeito falante. Nessa perspectiva, o papel de quem sofre a ação pode ser construído como de vítima ou de responsável. O que irá determinar essa visão serão os imaginários sociodiscursivos desse sujeito.

A construção da tópica, ou do imaginário, da antipatia requer a relação triangular: vítima, responsável e testemunha. O papel de vítima é atribuído ao garoto, o responsável se desdobra em preso, guarda e administração e o observador é o sujeito que narra. Além desse vínculo, o olhar do sujeito narrador deve voltar-se, duplamente, para a vítima e para o agente que causa o mal. Dito isso, por mais que o enunciador não faça nomeação direta de vítima e de agressor, as qualificações imputadas ao garoto e ao evento fornecem-nos informações a partir das quais podemos criar interpretativos desses papéis.

No relato, delineamos o estado de indignação do narrador diante da pessoa afetada. Para isso, ele mobiliza crenças sobre o bem e o mal e sobre as relações de dominação. O estado é desencadeado pela observação de que a ação é cometida com o “consentimento” de indivíduos que deveriam zelar pela segurança pública. O comportamento enunciativo da antipatia se materializa por meio de denúncias impostas aos guardas, que deveriam, no mínimo, conservar a integridade física dos presos. Tal queixa pode ser apreendida em:

Muitos guardas eram cúmplices, ouvi dizer, e alguns vendiam pequenos delinquentes a velhos presos corrompidos – vinte, trinta, cinquenta mil-réis, conforme a peça. Esse comércio é tolerado, desemboca nele parte dos lucros obtidos na indústria mirim da cadeia. (RAMOS, 1994, p. 312).

O comportamento enunciativo revela o ponto de vista do narrador acerca da relação de poder entre os guardas e os garotos. Os “pequenos delinquentes” são tidos como mercadorias para os agentes e a ação de

violação é tomada como um “comércio tolerado”. Aliás, nesse discurso, notamos que o papel de vítima não se limita somente ao “garoto violado”, pois a situação é pior: há vários outros no cárcere assumindo essa posição diante da criminalidade. A denúncia no relato desse caso mostra o fato de essa agressão acontecer com múltiplos outros sujeitos que não conseguem ultrapassar a relação de opressão entre preso e guardas. Opressão essa existente até mesmo entre os próprios presos, como vemos em:

Depois nos vieram noções complementares. Meninos abandonados, vagabundos, pivetes, cedo se estragam, não experimentam surpresa ao ser metidos nas células de pederastas calejados. Mas há reações, incompatibilidades – e se os meios suasórios falham, o casamento se realiza com violência. É o recurso extremo. Antes de usá-lo, o agente emprega blandícias, numerosos processos de sedução, e se não tem êxito, recorre às ameaças. Toma a comida do outro, joga-a na latrina, arrebatá-lhe das mãos o caneco de água, proíbe-lhe o cigarro, vigia-o sem descanso, requinta-se em afligi-lo. Dois ou três dias de fome, sede e maus tratos anulam a funda aversão; a relutância esmorece, finda. (RAMOS, 1994, p. 103).

Isso posto, o imaginário sociodiscursivo da antipatia pode ser reconstruído pelas descrições e de todo o processo narrativo que constitui o relato de caso do garoto. O termo de emoção “antipatia” ou do estado de “indignação” não são enunciados explicitamente na narrativa. Porém, nem só de explícitos vive a linguagem! Assim, os implícitos construídos por meios interpretativos do contexto situacional nos permitem traçar o efeito dessa orientação emotiva. Logo, não é necessário que o sujeito enunciator diga: “eu denuncio que...”, ou “eu sinto antipatia de...” para que possamos perceber tais termos de emoção no discurso. Afinal, o contexto, as descrições, as narrações e os posicionamentos fornecem-nos dados que tornam possível a análise.

Em relação à antipatia, não há termo direto de emoção, todavia o sujeito narrador faz uma enunciação direta de sentimento quando anuncia: “me estarreceu”. Diante disso, temos um lugar do eu no qual o sujeito enunciator atribui para si o efeito patêmico diante do evento. Inferimos nessa expressão de emoção a projeção da imagem de si que o narrador molda para ser vista pelo outro. Ou seja, a produção discursiva é constituída por um posicionamento realizado por emoção que perpassa

aspectos morais e de crenças e demonstra indignação diante da situação patêmica.

Nos passos de Plantin (2010), quando se expressa diretamente um termo de emoção há também um lugar psicológico ligado ao sentimento. No enunciado “me estremeceu”, esse lugar é do sujeito narrador que se conta, quando ele utiliza o pronome de primeira pessoa do singular “me”. Essa é a construção da emoção de si para ser mostrada e narrada. Outros enunciados nos quais há termos de emoções são atribuídos a outrem, como se vê no quadro a seguir:

Quadro 3 – Emoções atribuídas

Emoções atribuídas ao outro	
Personagem(ns)	Enunciado de emoção
Garoto violado	Uma noite ouviram gritos desesperados
Pequenos delinquentes	Os angustiosos e inúteis apelos noturnos
Meninos abandonados, vagabundos, pívetes	Restos de vergonha impedem a exibição tumultuosa

Fonte: elaborado pela autora a partir de excertos do *corpus*, 2021.

Nos dois primeiros enunciados são relatados os gritos e os apelos dos personagens, já as qualificações dos pedidos de socorro contêm efeitos patêmicos. Nesse raciocínio, os gritos são de “desespero” e os apelos são de “angústia”. Como vimos com Plantin (2010), quando um sujeito falante atribui emoções aos outros, na verdade, essa imputação é uma reflexão do que ele expressaria se estivesse no lugar de quem está naquela situação. De tal modo, notamos que ao projetar sentimentos haverá empatia nessa produção discursiva, pois, ao colocar-se no lugar dos sofredores, os gritos soaram para ele da forma descrita acima. Dessa maneira, inferimos o processo de projeção de si antecedente ao ato de projetar o outro no discurso.

No terceiro enunciado, são mobilizados imaginários acerca das características que orientam para a expressão da vergonha. Não há modo de o narrador saber se os personagens experienciam o sentimento, portanto essa atribuição parte da empatia ao ver-se na posição do outro e movimentar as crenças norteadores para a vergonha. Essa emoção integra a tópica da dor e está estreitamente relacionada com a degradação identitária. Por outras palavras, o sujeito nessa posição de agressão física

produz uma referência de si negativa e acredita que o outro constrói a mesma imagem. Por isso, o esboço da vergonha lançado aos personagens nos permite analisar a autorrepresentação e os valores morais do sujeito narrador.

Outro aspecto a ser considerado é o distanciamento de G. Ramos com os personagens, assim, a atribuição das emoções é produzida tendo como foco principal o próprio universo de crenças. O espaçamento social e físico é compreendido em tais enunciados:

Achamo-nos longe daqueles indivíduos, conhecemos apenas os que vêm trazer a comida, fazer a limpeza, mudar a roupa das camas, e a princípio relutamos em conceber veracidade nas informações. (RAMOS, 1994, p. 313).

Cá fora passamos involuntariamente a raspadeira neles. Houve um momento em que nos vieram narrá-los, comentá-los, ou são produtos de fantasia desvairada, vestígios de sonho? Vacilamos em transmiti-los: não nos darão crédito, e isto nos deixará perplexos. (RAMOS, 1994, p. 311).

O distanciamento entre o narrador e os personagens é abordado de duas maneiras nos excertos. No primeiro, é focada a falta de proximidade física, já que eles não compartilham a presença nos mesmos ambientes. Por isso as imputações patêmicas estão no nível da empatia e da projeção de si para realizar a projeção do outro.

Por fim, apreendemos no relato do outro e na atribuição de emoções um movimento duplo de representação e simbolização que perpassa o universo de crenças. Logo, ao referenciar o outro, o sujeito de G. Ramos faz uma representação de si ao, digamos, empatizar-se com os sofrimentos alheios.

## **5 Considerações Finais**

Consideramos com essa pesquisa que o narrador de G. Ramos expressa sentimentos que são direcionados às vítimas de abuso sexual no cárcere. Tais emoções são construídas porque inferimos o posicionamento do autor face ao ocorrido. Ou seja, no universo de crenças do romancista há o papel de vítima e o papel de agressor, em outras palavras, o bem e o mal. Nesse caso, notamos que o narrador se posiciona de forma sensível ao sofrimento da vítima.



Como vimos, a expressão de uma emoção é perpassada pelo julgamento pessoal do indivíduo tendo por base suas crenças. Assim, há um julgamento do narrador sobre a violência contra os meninos, com isso, há uma situação que orienta para a simpatia com os mártires. Importante destacar nesse aspecto que qualquer alteração de julgamento, ou de crença, altera a expressão da emoção. Nesse sentido, se o narrador considerasse que os meninos não eram vítimas e “mereciam” tal abuso, a expressão da emoção também iria se alterar.

Ademais, a representação discursiva e descritiva projetada nos outros revela muito sobre a própria representação que o narrador faz de si. Assim, quando Graciliano Ramos atribui emoções tendo em vista a situação alheia, há um duplo movimento de construção do sujeito narrador, pois há a imagem e a situação do outro sendo transfigurada para o mundo interno do narrador. Em outras palavras, ao descrever e ao narrar o outro, o enunciador de G. Ramos descreve e narra a si próprio.

Com as contribuições de Charaudeau (2010) sobre a organização descritiva do discurso, podemos identificar a partir das qualificações o processo de transmutação de crenças pessoais sendo direcionadas aos demais participantes da história de Graciliano Ramos. Nesse viés, a descrição de vítima que o autor construiu para os personagens nos permite interpretar os imaginários sociodiscursivos. Aliado a essa teoria, por meio dos pensamentos de Plantin (2014) sobre a construção da tópica da emoção no discurso, somos direcionados a entender todos os aspectos que moldam essa expressão. Ou seja, ao utilizarmos o quadro de tópica da emoção, o analista do discurso consegue ter uma visão contextual dos elementos que fazem parte da construção patêmica.

Por fim, deparamo-nos em nosso *corpus* com uma vasta heterogeneidade de narrativas de vidas, sendo assim, notamos que o autor reservou bom espaço no enredo para a observação alheia. Nessas observações e julgamentos do outro, os efeitos de emoções heteroatribuídos, como a antipatia pela polícia e pela administração, revelam-nos as crenças do narrador. Ao produzir e direcionar patemizações alheias, ficamos sabendo mais sobre o atribuidor do que sobre o atribuído. Com esse aspecto, identificamos a presença de um sujeito sensível de Graciliano Ramos, ao relatar os casos de estupro. Esse sujeito sensível expressa efeitos sentimentais capazes de nos indicar as representações e as crenças do sujeito narrador. Por intermédio disso, inferimos a posição política, social e moral de G. Ramos ao expor histórias desumanas praticadas pelo governo e pela polícia.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002.

CHARADEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (org.). *Emoções no discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 23-56. v. II.

CYRULNIK, Boris. *Dizer é morrer: a vergonha*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

PLANTIN, C. As razões das emoções. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (org.). *Emoções no discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 57-80. v. II.

PLANTIN, C. *Las buenas razones de las emociones*. UNM Editora, 2014.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Record: São Paulo, 1994.

Recebido em: 10 de janeiro de 2021.

Aprovado em: 05 de maio de 2021.